

NÃO SE PODE VIVER SEM AMOR
E A EXPERIÊNCIA DIGITAL DE JORGE DURÁN

Alfredo Taunay¹

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar informações sobre o cinema digital através das reflexões do cineasta chileno-brasileiro Jorge Durán, ou seja, de que forma o cineasta utilizou os recursos digitais no processo de criação da obra *Não Se Pode Viver Sem Amor* e tentar perceber quais foram as mudanças trazidas em sua forma de fazer cinema. O diretor, que também é roteirista, tem quarenta anos de atuação no mercado cinematográfico e trabalhou por muito tempo em película, explorando e conhecendo bem este formato. Esta proposta tem o intuito também de, através das palavras e observações do próprio diretor, explorar o processo de transição do formato analógico para o digital, não apenas na obra de Durán, mas, de certa forma, no cinema em sua totalidade. Utiliza-se como ponto de partida a obra lançada em 2011, por ser a primeira experiência do diretor no formato digital. Apesar de não se tratar de uma obra de referência, é o filme de estreia de um cineasta veterano em um novo formato, tendo por isso sua relevância nos estudos da teoria dos cineastas. As informações foram adquiridas através de entrevistas de Jorge Durán para diversos meios de comunicação como sites, programas de tevê e também entrevista por e-mail e Skype. Trata-se de um contributo para os estudos da teoria dos cineastas, tentando compreender a sétima arte através das argumentações diretas do diretor, assim como entender como as novas formas de distribuição e veiculação de filmes contribuem para o produto cinematográfico alcançar seu público.

Palavras-chave: Teoria dos cineastas; cinema digital; Jorge Durán.

Contato: alfredo.colins@hotmail.com

Jorge Durán nasceu no Chile, no ano de 1942, e está radicado no Brasil desde 1973. É roteirista e diretor, formado em teatro pela Faculdade de Artes Cênicas da Universidade do Chile. Já estabelecido no Brasil, ele dirige seu primeiro filme, o longa-metragem *O escolhido de Iemanjá*, lançado em 1978. Seu segundo filme, *A cor do seu destino*, de 1986, foi o grande vencedor do prêmio de melhor filme no Festival de Brasília. Em 2006, depois de quase vinte anos, retorna à direção e lança o longa *Proibido proibir*, que recebeu o prêmio oficial do júri no Festival de Havana, melhor filme no festival de Biarritz e melhor ator no Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira, em Portugal. Seus

¹ Mestrando em Cinema na Universidade da Beira Interior. Graduado em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói – RJ e especialista em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro.

Taunay, Alfredo. 2016. “*Não se pode viver sem amor e a experiência digital de Jorge Durán*”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 345-353. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-4-5.

filmes mais recentes são *Não Se Pode Viver Sem Amor* (2011) e *Romance Policial* (2014) (Deserto Filmes 2014).

Apesar de não ser tão conhecido como diretor, Durán tem enorme prestígio e reconhecimento como roteirista, tendo participação no roteiro de filmes de destaque como *Nunca Fomos tão Felizes* (1984) e *Como Nascem os Anjos* (1996), ambos de Murilo Salles, e *Jogo Subterrâneo* (2004), de Roberto Gervitz. Fez também o roteiro de filmagens do documentário *Extremo sul* (2005), de Mônica Schmiedt e Sylvestre Campe e o roteiro de *Gaijin – Os Caminhos da Liberdade*, que serviu de base para *Gaijin – Ama-me como Sou* (2005), de Tizuka Yamazaki. Seus roteiros mais importantes são os dos filmes *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (1977), *Pixote, a lei do mais fraco* (1981) e *O beijo da mulher-aranha* (1984), dirigidos pelo diretor argentino-brasileiro Hector Babenco (Deserto Filmes, s.d.).

Não Se Pode Viver Sem Amor foi selecionado para participar em vários festivais nacionais e internacionais, como o Festival de Cinema de Guadalajara (México); Festival de Montreal (Canadá), Pusan International Film Festival (Coreia), Festival Internacional de Cinema da Índia, Goa, Festival Latino-americano de Chicago (EUA), entre tantos outros. No Brasil, o filme ganhou os prêmios de Melhor Roteiro, Melhor Fotografia e Melhor Atriz (Simone Spoladore), no 38º Festival de Cinema de Gramado; os prêmios de Melhor Filme para Reflexão outorgado pela Associação dos Cineclubistas de PE e o prêmio especial do júri para Rogério Fróes no 14º Cine-PE Festival de Audiovisual do Recife (Deserto Filmes, s.d.).

O cinema digital e Jorge Durán

A evolução da narrativa está diretamente ligada aos avanços tecnológicos. Quando os Irmãos Lumière inventaram o cinematógrafo, a câmera ficava parada para filmar o que estava a ocorrer à sua frente. Com o passar dos anos, a câmera tornou-se mais leve e vários tipos de lentes foram inventadas, o que permitiu o surgimento dos movimentos de câmera e os vários ângulos e planos.

Quando o cinematógrafo foi inventado as lentes usadas nas câmeras não dispunham da capacidade de aproximação das lentes atuais o que obrigava a se filmar a uma distância exata da cena, sem poder movimentar a câmera, caso contrário a imagem ficava desfocada. Além disso, os negativos usados naquela época tinham pouca sensibilidade, o que dificultava no ganho de profundidade. Tais fatores não permitiam aos cineastas filmarem uma cena com vários planos diferentes, todo o filme era em plano geral.

No período compreendido entre 1907 e 1913 os cineastas começam a experimentar várias técnicas. Os filmes passam a contar histórias mais complexas, tornam-se mais longos, usam mais planos e a duração média aumenta para 15 minutos. Somente após a Primeira Guerra Mundial eles começam a exceder uma hora de duração.

Pesquisou-se bastante no campo da ótica. Criaram condições para o desenvolvimento de novas lentes que supriam as necessidades dos cineastas: novos enquadramentos. As lentes passaram a ter uma qualidade invejável. A química viabilizou novos filmes, mais sensíveis às luzes artificiais e naturais. Com isso, progressivamente, criam-se novos enquadramentos = planos. (Monclar 2009, 11)

No cinema digital não seria diferente. Esta tecnologia trouxe ao cinema uma série de equipamentos que mudaram a forma de captar as imagens e permitiram mudanças em termos narrativos, o que também interfere no processo criativo dos diretores e roteiristas. Cenas que antes eram evitadas devido ao grau de dificuldade e conseqüente aumento orçamentário, agora podem ser feitas mais facilmente. Da mesma forma, algumas cenas devem ser repensadas e filmadas de forma diferente de quando eram feitas em película, como dito por Durán em relação à iluminação. Para o diretor, o digital não interfere em termos dramáticos em sua obra, no entanto o cineasta admite que ao escrever um roteiro ele imagina algumas possibilidades e dificuldades relacionadas ao uso dessa tecnologia.

Para mim, não afetam no que se refere ao drama, conflito, tema. Mas como tenho experimentado o digital em dois longas-metragens, enquanto escrevo e imagino o cenário, penso em certas dificuldades que vou

enfrentar na hora de filmar. Falo de contrastes de luz, claro-escuro, enquadramento. Céus muito claros e sombras fortes são difíceis de equilibrar no digital. Enquanto escrevo, sou ciente do custo e do tempo que vou precisar para rodar cada cena. Mas, em geral, tenho me acostumado bem ao digital e acho bom, se tiver uma boa câmera e, sobretudo se as lentes são luminosas. (Durán, entrevista ao autor por e-mail, 2014)

Durante muito tempo uma das dificuldades para a produção de filmes no Brasil foram os gastos com a compra de filme fotográfico (película), revelação e montagem do material filmado pelas câmeras analógicas. Com a captação em película se perde muito tempo com ensaios para evitar o gasto desnecessário com película. Com a captação digital, a câmera pode ficar ligada por muito tempo e assim captar imagens durante os ensaios que podem ser utilizadas na edição e até mesmo no *making off*. Além disso, permite uma liberdade de criação muito maior durante as filmagens, deixando que o diretor, no momento da filmagem, improvise planos extras, pois não precisa preocupar-se com o gasto de película. Este foi um dos aspectos que agradou Jorge Durán, que antes mesmo do digital já afirmava usar o roteiro como um bom guia para não perder o rumo, uma ideia de ritmo e tempo, pois o que lhe interessa manter vivo é o tema e as ideias, conforme afirmou ao site de O Globo, em 2009. O cineasta diz que “o digital oferece possibilidades que o negativo nunca ofereceu. A qualidade da imagem do negativo ainda é maior. Mas acho que o uso do digital é irreversível e dia a dia melhoram os processos e equipamentos” (Durán, entrevista ao autor por e-mail, 2014).

O cinema, ao longo de sua história apresentou diversos avanços tecnológicos que priorizavam maior atração e melhor entendimento por parte do público do objeto apresentado e que causaram furor em suas apresentações. O som, as câmeras, os efeitos especiais, sempre elementos agregadores de conteúdo que expandiam a experiência de se viver e fazer cinema. Mas a chegada do que se chama cinema digital é considerada o maior acontecimento da história do cinema desde o advento do som, pois se apresenta como a oportunidade mais real de democratização do cinema em sua arte e concepção.

Na sua arte, pois novas formas de ver as imagens se materializam aos olhos do público. E na sua concepção, pois promove um melhor ganho de tempo e custos na sua produção, viabilizando o fazer cinema para as produtoras independentes e novos diretores, muitas vezes impedidos de realizar projetos financeiramente dispendiosos.

Após a experiência de filmar em digital, Jorge Durán assume ter gostado do resultado final e da liberdade criativa que teve graças aos recursos que essa tecnologia permitiu:

Filmei em digital e penso continuar filmando em digital. É mais barato durante a filmagem e mais caro na finalização. O que mais gostei é das possibilidades de rodar, experimentar com mais liberdade, já que o preço do negativo é constrangedor. Pensei que o Digital mudou minha forma de pensar o que vou rodar, já que posso fazer da filmagem, de cada plano, uma espécie de “work in progress” permanente. No fim, o que importa é ter um bom conflito, bons atores, temas e idéias. O que me interessa são as pessoas e seus conflitos. E para isso o digital me serve muito bem. (*O Globo* 2009)

O cinema brasileiro e mundial já migrou quase que completamente aos recursos da tecnologia digital, tanto no processo de produção quanto na distribuição e na exibição. Antes da projeção digital muitos filmes não chegavam a ser exibidos comercialmente, ou mesmo em festivais, devido às dificuldades e os gastos para fazer a distribuição em película. Os avanços tecnológicos têm permitido novas formas de circulação das obras audiovisuais.

Roland (2005, 61) afirma que mesmo em grandes cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo, alguns filmes ficam meses à espera de uma sala de exibição, sem falar nos filmes de diretores mais independentes ou desvinculados do mercado distribuidor, que não chegam a entrar no circuito e são apresentados pontualmente em festivais e pequenas mostras em salas alternativas. Sendo assim, é através da produção, distribuição e exibição no formato digital que muitos filmes brasileiros conseguem ser produzidos e chegar ao seu público.

Entende-se que a arte deve chegar a todos os lugares, praticada, realizada, vivida e vista sem restrições, e a digitalização cinematográfica vem diretamente ao encontro dessa ideologia, tornando possível a democratização máxima da arte. No mundo moderno o acesso do público aos filmes e dos cineastas ao público depende menos das salas de cinema e as obras audiovisuais percorrem os mais variados caminhos para fazer o diálogo entre os que produzem e o público para quem ele foi feito. Apesar de não exibir oficialmente seus filmes em novas plataformas digitais, alguns dos filmes do cineasta podem ser encontrados facilmente no Youtube.

Depois que o filme passa no cinema, na TV a cabo e na TV aberta, ainda tem a possibilidade de passar no "video on demand"? Acho que quem vê filmes na internet ou na TV, pagando aluguel pequeno, não é público que ocupa seu tempo procurando até achar no Youtube. DVD vende muito pouco e os videoclubes estão desaparecendo. Daí que fico contente se o filme segue vivo no Youtube. Muito melhor gente vendo o filme que filme "enterrado" na prateleira. (Durán, entrevista ao autor por e-mail, 2014)

Sobre as novas formas de divulgação e exibição, possibilitadas graças à tecnologia digital, Durán diz pensar muito no assunto, mas ainda não pôs em prática nenhuma forma alternativa de exibir seus filmes.

Penso muito nisso. É difícil sair da armadilha um público relativamente pequeno, se pensarmos no tamanho do país, poucas salas de cinema, hegemonia consentida pelo Estado brasileiro dos filmes de USA, uma política evidente de ter mais público nos cinemas, apoiando filmes de entretenimento simples. Eu não tenho nada contra isso, desde que haja espaço para produzir e exibir filmes que exigem mais do público, em termos das ideias, da forma narrativa, dos temas escolhidos. Considero que há um neoliberalismo atrasado e simplista na forma de encarar o problema. Uma espécie de neoliberalismo ultrapassado, paradoxalmente isto ocorre num governo ciente dos abismos econômicos e culturais, ou melhor, da diversidade cultural que tem o país. (Durán, entrevista ao autor por e-mail, 2014)

Durante alguns anos o mercado cinematográfico brasileiro sofreu uma crise e vários cinemas foram fechados, porém esse mercado está passando por uma

nova transformação, mas bastante positiva dessa vez, em decorrência da entrada do capital estrangeiro, assim afirma Almeida (2003, 12): “A maior transformação está se dando no campo da exibição. A entrada do capital estrangeiro estimulou o parque exibidor nacional a se recuperar, e o número de salas de cinema no país voltou a crescer após anos de declínio.”

Todavia, esse crescimento no mercado exibidor ainda não chegou a muitas cidades que continuam sem salas de exibição e dependem dos dias de exibição de algum festival ou das mostras itinerantes para terem acesso aos filmes. Exibições feitas, muitas vezes, em formato digital.

Não se pode viver sem amor

A primeira experiência de Jorge Durán com a tecnologia digital foi com o filme *Não se pode viver sem amor*, lançado em 2011, sua terceira obra como diretor. O filme conta a história de Gabriel (Vitor Navega), de 10 anos, e Roseli, sua mãe (Simone Spoladore), que no dia 23 de dezembro chegam ao Rio de Janeiro para encontrar o pai do menino, que os abandonou anos atrás. Durante essa jornada seus caminhos vão cruzar com João (Cauã Reymond), um jovem advogado desempregado que busca desesperadamente um meio de melhorar de vida; Pedro (Ângelo Antonio), um pesquisador universitário que precisa se decidir entre a mulher e a profissão; e Gilda (Fabiula Nascimento), uma dançarina de boate que deseja ir embora mas está presa ao passado. Todos eles estão vivendo situações limites que a proximidade do Natal torna mais pungente.

Durante a saga na cidade maravilhosa, o garoto Gabriel demonstra ter um certo grau de paranormalidade. Para demonstrar esses poderes do personagem, os recursos de pós-produção digital ajudaram bastante na composição das cenas. Por exemplo, na cena em que um tigre se movimenta dentro de um quadro e na cena em que aparece um prédio antigo e quase caindo. Estes são efeitos mais nítidos aos olhos do espectador, mas o filme teve uma série de efeitos manipulados através de pós-produção digital, como fotografia, som, iluminação, correção de cor.

O filme foge da estrutura clássica tão comum no cinema. Tem uma narrativa um tanto peculiar para o Brasil, chegando a causar estranhamento ao espectador que não está acostumado ao tipo de narrativa que causa dúvida sobre se o que está sendo visto é “realidade” ou um sonho, fantasia do pequeno Gabriel. Segundo informação contida no site Imagem em Movimento, em 2011, a vontade de Durán era de construir um universo que fugisse do realismo. Ele queria uma história na qual o ato milagroso fosse um evento indefinido, de dúvida. Era para ter um milagre, mas de uma forma que deixasse brechas para o espectador duvidar de que aquilo possa mesmo ter acontecido.

Não se pode viver sem amor tem estrutura *multiplot* pouco comum no cinema brasileiro. A respeito dessa estrutura Durán afirma:

Optei por desenvolver a estrutura como multitrama ou filme coral, porque me permitia abordar temas que me interessavam, diferentes conflitos de gente comum. Aliás, todos somos gente comum, então corrigindo-me, me permitia abordar conflitos de gente que vejo nas ruas, sentimentos sobre a vida, sobre o passado, sobre a infância, sobre o amor, sobre as relações amorosas hoje em dia, etc. Cada personagem leva adiante seu conflito e, com ele, eu abordo o tema que me interessa. (*Imagem em Movimento* 2011)

A opção do diretor em filmar em digital não foi pela estética que a tecnologia poderia lhe proporcionar e nem pela curiosidade em experimentar os recursos digitais disponíveis. O diretor foi “forçado” por questões orçamentárias, como afirmou em entrevista ao site Uol, em 2009: “Fiz as contas e, para fazer em película, sairia muito mais caro.” O filme foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural para sua produção e comercialização e tinha um orçamento de R\$ 1.600.000 (um milhão e seiscentos mil reais), mas o diretor não conseguiria fazer a filmagem em película devido aos altos custos do material sensível. Além do fato de que teria que pagar laboratório para a revelação e montagem, o que encareceria ainda mais a produção. Sobre as dificuldades de produção, Durán diz que:

Não foi fácil, porque o orçamento, que deve chegar no fim a R\$1.400.000, é pequeno para o tipo de roteiro.

Rodar em 5 semanas foi muito difícil e exigiu um trabalho intenso da equipe toda. Nestes casos, você tem que confiar muito na sua intuição do que está acontecendo, porque se para e olha atentamente o resultado de cada tomada, precisaria de duas a três semanas a mais. A equipe foi formada com colegas com muita experiência e jovens profissionais com pouca experiência. Isso, logicamente obriga a filmar mais lentamente. O elenco de atores com experiência aceitou trabalhar muitas horas, cobrando honorários baixos. Atores, como você sabe por experiência, caro Luciano, neste tipo de produção, são sempre muito generosos. (O Globo 2009)

Sobre a experiência de filmar em digital, Durán confessou ao site Uol, em 2009, seu medo pelo desconhecido: “Eu tinha medo de filmar em digital porque o resultado final nem sempre corresponde ao esperado. ” Mas também admite que gostou dos resultados: “foi um aprendizado e uma surpresa. Gostei muito e agora só pretendo trabalhar com essa tecnologia”.

Considerações finais

Através deste artigo pode-se notar que o diretor Jorge Durán é um profissional que reflete muito sobre sua profissão e suas técnicas e recursos. É um cineasta que dialoga com o público através de seus filmes que sempre trazem uma reflexão sobre o tema apresentado. Há pouco mais de 40 anos trabalhando no mercado cinematográfico, tem uma vasta experiência como roteirista. Segundo ele, o digital mudou um pouco a sua forma de escrever seus roteiros, pois no ato da escrita já pensa nas vantagens e desvantagens dessa tecnologia. Este novo formato traz mudanças tanto em termos de dramaturgia quanto em aspectos técnicos, já que, por mais que filmar em digital já se tenha uma qualidade tão boa como em película, esta tecnologia ainda é inferior em termos de captação de imagens. Sendo assim, ao escrever uma cena, o diretor e roteirista já pensa em como ela será filmada e se o digital permitirá que seja feita da forma como ele imaginou ao escrever.

Além disso, é um cineasta conectado com o que há de mais moderno em termos tecnológicos, tanto em suas produções, ao produzi-las, quanto no que diz respeito às novas formas de divulgação, exibição e distribuição de produtos

audiovisuais. Durán não é um diretor preocupado apenas com o quanto ganha para produzir um filme, mas que o faz por amor à profissão e que entende que novas formas de distribuição e veiculação de filmes, mesmo que com qualidade inferior, são bem vindas já que trata-se de uma forma de seus filmes chegarem ao público.

Através deste artigo confirmamos através da experiência prática do cineasta Jorge Durán informações já conhecidas sobre o cinema digital, como o fato do barateamento de uma produção e a facilidade de experimentação durante as filmagens. Pode-se perceber também que a decisão de se filmar em digital não é a primeira opção de cineastas que já tem anos de prática com a película. Esta escolha acontece quase forçosamente devido a questões orçamentárias, pois caso tivessem a alternativa de usar equipamento analógico esta seria a forma de trabalharem por sentirem-se mais seguros.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Paulo Sérgio. 2003. *Cinema: desenvolvimento e mercado*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Deserto Filmes. 2014. “A Produtora”. Acedido em 26 de Novembro: <http://www.desertofilmes.com/a-produtora/>
- Deserto Filmes. 2014. “Portfólio: *Não se pode viver sem amor*”. Acedido em 26 de Novembro: <http://www.desertofilmes.com/video/nao-se-pode-viver-sem-amor/>
- Imagem em Movimento. 2011. *Não se pode viver sem amor*, de Jorge Durán. Acedido em 15 de Dezembro de 2014: http://imagem_em_movimento.blogspot.pt/2011/06/nao-se-pode-viver-sem-amorde-jorge.html
- Monclar, Jorge. 2009. *Linguagem cinematográfica, narrando imagens*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Brasil.
- O Globo. 2009. “Entrevista com Jorge Duran”. Acedido em 26 de Novembro de 2014: <http://oglobo.globo.com/blogs/cineclubeposts/2009/03/18/entrevista-com-jorge-duran-169846.asp>
- Sabeckis, Camila. 2013. “El séptimo arte en la era de la revolución tecnológica.” *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos*. Acedido em 23 de Novembro de 2014: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232013000300005&lng=es&nrm=iso
- Uol. 2009. “Jorge Durán finaliza novo filme com Cauã Reymond sobre solidão e reencontro”. Acedido em 28 de Novembro de 2014: <http://cinema.uol.com.br/ultnot/2009/07/12/ult4332u1142.jhtm>

Uol. s.d. “O Espírito amoroso de Jorge Durán”. Acedido em 20 de Dezembro de 2014:

<http://pipocamoderna.virgula.uol.com.br/o-espírito-amoroso-de-jorge-duran/85389>

FILMOGRAFIA

Não Se Pode Viver Sem Amor. Realização de Jorge Durán. El Desierto Filmes, 2010. Distribuição: Pandora Filmes. Argumento de Jorge Durán e Dani Patarra. Produção: Jorge Durán e Gabriel Durán. Elenco: Cauã Reymond, Simone Spoladore, Ângelo Antônio, Rogério Fróes, Babu Santana.